

CONSTRUÇÕES DE MADEIRA NO LITORAL PORTUGUÊS

O nosso país parece viver hoje um tanto ou quanto incomodado com uma série de novos fenómenos de expressão popular que interferem na paisagem, e trazem algo de diferente ao seu quotidiano. Se hoje gostamos dos barcos de pescadores e duma certa cerâmica, foi talvez porque nos acostumámos a elas de antigas, ou lhes fomos descobrindo o segredo aos poucos; mas hoje estamos longe de assimilar as casas dos emigrantes, estas casas de madeira que a Mónica fotografou, ou um certo tipo de manufacturas pirosas, porque são recentes e sobrecarregadas de novas significações. Isto deriva em primeiro lugar dum olhar comum *corrompido* que não tem querido reconhecer-lhes, para além da originalidade, uma possibilidade mínima de discurso/prática social, ou sequer ensaiar uma sistematização e estudo desse *novo* que surge numa fase histórica particular e transitória. Aqueles que acreditam que essas expressões novas são portadoras dum significativo potencial criativo, que marginalmente estudam e observam, pertencem já ao futuro, ou olham sobre ele.

Se é possível reconhecer em todas estas formas de arte popular um fio condutor mínimo, que as unifica para além do meio e da técnica que utilizam e em que se exprimem, julgo poder encontrar nestas casas de madeira algo diverso, porque acrescido de outras dimensões (e, portanto, de outras leituras também).

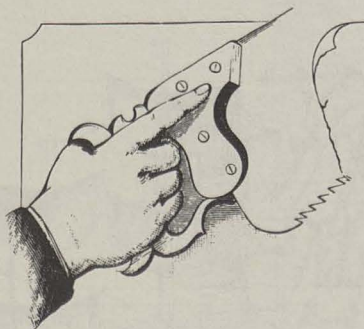
Tudo isto acontece porque elas estão muito próximas do mar.

O que ver mais nestas casas cuja primeira leitura é sem dúvida social, já que elas são a única *propriedade* duma classe média-baixa, que fora isso só tem a sua força de trabalho e a tem de vender o ano todo na cidade, onde a sua criação e expressão é cada vez mais limitada, mas ao mesmo tempo *formada* (deformada?) *por uma assimilação confusa de diferentes dados culturais?*

Uma *poética* singular parece irromper destas casas.

Construídas na margem da praia, são *espaços exíguos* (está-se quase sempre fora) e *extremamente frágeis*. Numa construção sempre barata, expostos os seus pobres materiais aos rigores do mar, à constante maresia, aos ventos do inverno, à chuva, elas estão como a vida sujeitas a uma *erosão constante*. É o mar que lhes dando o lazer permitido, parece querer fazer recuar a sua presença ali.

A falta de recursos financeiros para as reparações mais ou menos regulares (e aqui verifique-se o cuidado extremo com que são feitas, coisa que só a afirmação social com-





Fotografias de Mónica Lustosa Szillard

preende bem; mas que possibilita o *reinventar sucessivo do mesmo espaço* — como quem pinta sempre o mesmo quadro ao longo dos anos?), oferece condições para uma *reciclagem de materiais que surgem de forma aleatória*, ora recebidos por ofertas, ora reaproveitados de outras funções, ou até coisas que o mar veio trazendo nas marés — tábuas, conchas, sobras de outras construções, placas de madeira, caixotes, um ferro, uma escotilha dum barco, etc. — que essa necessidade e um “gosto diferente” sabem utilizar de forma *criativa e lúdica*, também ela cheia de rigor. (E por isso se fala aqui em *grafismo popular*...)

Tudo isto se faz ainda com base numa *ideia de tempo outro*, que as férias de verão e os fins-de-semana afinal são. Um tempo mais connosco mesmo, e ao mesmo tempo bem perto do sonho duma vida diferente (como compensação do trabalho e do desgaste da cidade). Mas ainda um tempo particularmente sensível ao ritmo do mundo, visto através do passar das estações pela sua acção à nossa volta (a erosão do inverno, as primeiras idas à praia, etc.) — um tempo que é uma casa fechada ou uma casa aberta.